

MENSAGEM NUMA GARRAFA VIRTUAL: PODE HAVER DIÁLOGO ENTRE O TRADUTOR E O TEÓRICO DA TRADUÇÃO?

Denilson Amade Sousa¹
Viviane Veras²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a influência de conhecimentos teóricos em manifestações de tradutores e teóricos da tradução enviadas em forma de mensagens no interior de uma comunidade virtual chamada Comunidade Virtual da Linguagem (CVL). A análise de tais mensagens, postadas numa discussão acerca do papel do tradutor no Brasil, incita-nos a refletir sobre o discurso dos membros da CVL, na sua maioria acadêmicos e alunos da área da linguagem (lingüística, lingüística aplicada, tradução) e, dentre esses, pessoas que trabalham, profissionalmente ou não, como tradutores. Esse discurso exhibe um teor bastante sindicalista, ao mesmo tempo em que demonstra uma grande falta de capacidade dos acadêmicos de evocar questões teóricas (neste caso, BERMAN, 1985/2007; VENUTI, 1995, 1998/2002) relevantes para a discussão que realizam sobre e entre si mesmos. Essas questões teóricas envolvem, entre outras coisas, uma reflexão acerca da dicotomia estrangeirização/domesticação nas práticas tradutórias no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da tradução, estrangeirização, domesticação.

ABSTRACT: This paper was designed to discuss the influence of theoretical knowledge expressed in messages posted on an online forum called *Comunidade Virtual da Linguagem* (CVL). The analysis of the messages, sent as part of a debate on the role of the translator in Brazil, compels us to examine the discourse of CVL members, most of whom are scholars and students in the field of language (linguistics, applied linguistics, and translation studies), although they also include professional and amateur translators. The discourse seems to be extremely unionist, and it shows the inability of these scholars to give rise to theoretical issues (in this case, BERMAN, 1985/2007; VENUTI, 1995, 1998/2002) relevant to their discussion about and among themselves. These theoretical issues involve, among other things, a reflection on the dichotomy foreignization/domestication in translation practices in Brazil.

KEY WORDS: translation theory, foreignization, domestication.

1. Introdução

Neste trabalho analiso um conjunto de 49 pequenos textos³ produzidos no interior de uma polêmica acerca da imagem e da concepção do tradutor brasileiro

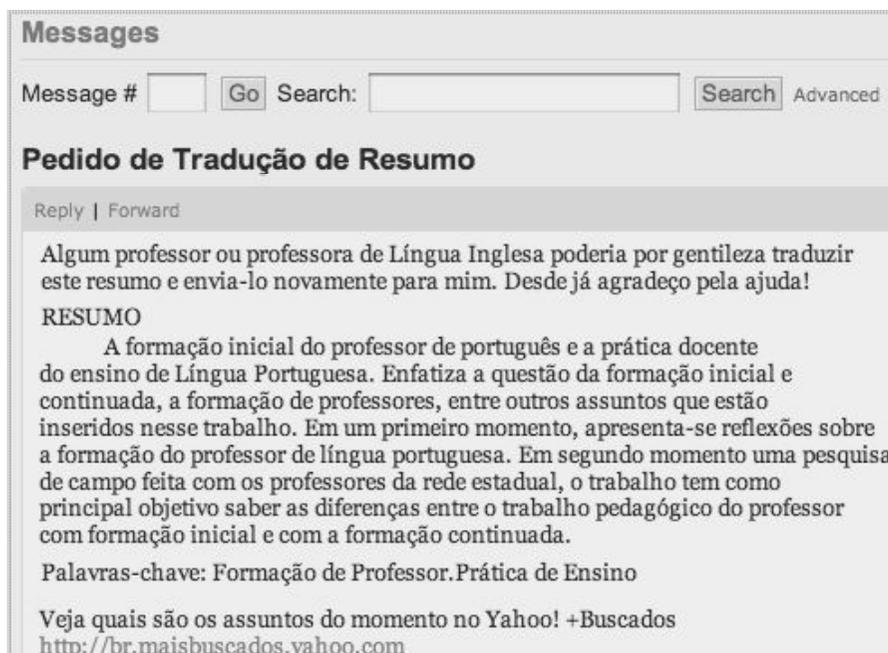
¹ Doutorando em Lingüística Aplicada – DLA/UNICAMP – Bolsista CAPES.

² Professora Doutora do Departamento de Lingüística Aplicada – DLA/UNICAMP.

³ Por motivo de espaço, não foi anexada a este trabalho a totalidade dos textos mencionados (apesar de citarmos várias partes deles). A CVL é uma comunidade aberta ao

atualmente. A polêmica se deu entre os dias 16 e 22 de fevereiro de 2009 numa lista de discussão *online* chamada *Comunidade Virtual da Linguagem* (doravante CVL).

A discussão surgiu a partir de um pedido de um dos membros da CVL, no qual esse membro solicitava que um professor ou professora de língua inglesa traduzisse um resumo acadêmico na área de português língua materna. Haverá referências a esse pedido em várias partes deste trabalho, portanto, reproduzo-o a seguir:



Como reação a tal pedido escrito⁴, publicado virtualmente e disponibilizado a todos os membros da comunidade⁵, uma tradutora brasileira que vive e trabalha nos EUA escreveu uma resposta bem interessante (Anexo 1 – Mensagem resposta) cujo conteúdo gerou um enorme debate virtual acerca da (des)valorização do

público e, portanto, qualquer pessoa pode acessar seu conteúdo. As mensagens postadas que constituem o corpus de análise deste trabalho estão disponíveis em: <http://tech.groups.yahoo.com/group/CVL/messages> (acessos entre: 16 e 22 de fevereiro de 2009). No Anexo 2 encontram-se algumas das cartas abertas postadas pelos membros da CVL.

⁴ Acho digno de nota o fato de que a primeira palavra do pedido de tradução é o pronome indefinido “algum”. Esse fato será mais bem analisado posteriormente.

⁵ Chamarei de “mensagem” toda manifestação postada na CVL; no entanto, também a vejo como uma “carta aberta”, pois ela se caracteriza como não possuindo um destinatário específico. Por mais que às vezes se dirija apenas a um destinatário, seu remetente tem plena consciência que TODOS os membros da comunidade terão acesso à mensagem enviada.

tradutor no Brasil. Creio ser sempre interessante olhar para polêmicas a fim de retirar delas uma ou mais – geralmente mais – posições ideológicas, institucionais, e/ou acadêmicas. Acredito que o fato de já estarmos acostumados a nos comunicar pela escrita em ambiente virtual (emails, chats, fóruns) vem a ser um fator benéfico para a análise do corpus e tomo como ponto de partida a hipótese de que as opiniões externadas pelos membros da CVL em suas mensagens podem refletir aquilo que eles pensam⁶, ou seja, suas formações discursivas, ideológicas, históricas, acadêmicas, entre outras.

A análise dessas manifestações virtuais mostra a falta de conhecimentos teóricos (ou pelo menos a falta de menção a eles) por parte dos integrantes que participaram do debate em questão. Primeiramente, realizo um breve panorama das teorias de tradução que vão nortear a análise, para posteriormente contextualizar e analisar a polêmica gerada pelo pedido de tradução; então, teço comentários acerca daquilo que estaria por trás das manifestações de tradutores e acadêmicos sobre “ser tradutor profissional” e sobre as implicações do “ato de traduzir”.

2. Domesticar ou estrangeirizar?

O embasamento teórico que norteia nossa análise e discussão se dá basicamente no interior das teorizações de Berman (1985/2007) e Venuti (1995, 1998/2002). Tanto o primeiro, ao falar de ética na tradução, quanto o segundo, ao chamar a atenção para a (in)visibilidade do tradutor, posicionam-se contra a tradução dita etnocêntrica ou domesticadora que, para eles, tende a aculturar e domesticar o texto de partida para que aspectos lingüísticos e/ou ideológicos da cultura outra não sejam trazidos à cultura de chegada. Por isso, ao lerem um “texto fluente” traduzido, os leitores normalmente não o estranham, pois o tradutor eliminou aquilo que acreditava causar estranhamento. Devido a esse fato, o leitor acredita estar lendo o autor estrangeiro, esquecendo-se de que o que está lendo, na verdade, passou pela interpretação de um tradutor. É esse fato que, segundo Venuti, tornaria o tradutor invisível social e profissionalmente. Assim, com o intuito de “combater” esse “desrespeito” à letra do original (BERMAN, 1985/2007) e essa conseqüente invisibilidade do tradutor (VENUTI, 1995, 1998/2002), esses teóricos propõem um modo de traduzir estrangeirizador, modo este consoante àquele lançado por Schleiermacher no século XIX, ou seja, aquele que propositadamente dificultaria a legibilidade da tradução ao não apagar marcas culturais e lingüísticas presentes no original estrangeiro, causando assim estranhamento no leitor, forçando-o a perceber que o texto lido é uma tradução. Seria dessa forma que o tradutor se livraria do status de mero “escriva” ou “condutor” cuja única função é

⁶ Reconheço que aqui pode haver o eventual indivíduo “se mostrando” uma pessoa que ele no fundo não é, mas mesmo isso é passível de certa análise pois o discurso de um é também sempre o discurso do outro.

conduzir o significado presente num texto numa determinada língua para um texto reescrito/reapresentado numa outra língua: a do tradutor.

No entanto, não podemos deixar de nos questionar (assim como o fazem diversos autores como BENEDETTI, 2003; BOHUNOVSKY, 1996; FREITAS, 2003, 2008; RAJAGOPALAN, 2000; WYLER, 1995) se, no contexto brasileiro, a opção por um modo de traduzir estrangeirizador se configuraria realmente como tradução subversiva e de resistência – como quer Venuti – uma vez que não somos uma cultura hegemônica e não temos uma história de preferência por um ou outro modo de traduzir (WYLER, 1996). Além disso, como bem coloca Benedetti, em nenhum dos modos de traduzir o tradutor:

[...] é textualmente invisível, mas no primeiro [domesticador], a rigor, ele é menos invisível porque não se abstém de impor ao seu texto a sua própria visão de escrita (e de mundo), enquanto no segundo [estrangeirizador] ele cria um enunciado através do qual transparece o enunciado de partida, numa tentativa de não lhe impor a visão particular de sua cultura. (BENEDETTI, 2003, p. 28).

Em outras palavras, acredito que, por mais que o tradutor siga uma tendência domesticadora ou estrangeirizadora de traduzir, será impossível para ele se desfazer de sua história e ideologia, e, portanto, vai inevitavelmente “aparecer” na sua tradução.

3. Análise da polêmica

Um dos motivos que pode ter levado alguns membros da CVL a reagir de forma tão fervorosa ao pedido de tradução de resumo acadêmico pode se dever ao fato de qualquer tradução ser, de acordo com Wills (1976), “uma rede muito delicada de fatores pessoais, textuais, socioculturais, históricos e mentais” (p. 76). Ou seja, quando alguém parece tentar “mexer” com qualquer elemento da configuração dessa rede a que se refere Wills, o tradutor se sentirá atacado e no direito de se defender; o que, a meu ver, é bastante compreensível.

Além disso, acredito que aquilo que causou toda a polêmica está intimamente relacionado com o item lexical escolhido para iniciar a mensagem/pedido de tradução. O assunto da mensagem coletiva enviada à CVL é “Pedido de tradução”⁷ e começa com o pronome indeterminado “algum”, referindo-se a professor ou professora de língua inglesa. “Algum” pode significar um, entre dois ou mais; qualquer um. Ou seja, pode-se inferir que a intenção da autora do pedido era ter seu resumo traduzido por um professor de língua inglesa, não importava quem.

⁷ Por conveniência, repito aqui o pedido: “Algum professor ou professora de Língua Inglesa poderia por gentileza traduzir este resumo e enviá-lo novamente para mim. Desde já agradeço pela ajuda!”

Conseqüentemente, a reação a tal pedido/palavra foi bastante negativa. Duas manifestações típicas foram as seguintes⁸:

Também queria desabafar minha indignação por ver, em listas de profissionais de áreas acadêmicas, aparecer pedidos daquele tipo, dirigidos a professores de inglês ou a qualquer um, como se não importasse quem traduz um abstract.

Mas, se pedisse para professores, como fez, sempre e de qualquer forma, diria que professores, ensinam e tradutores, traduzem e que, geralmente, um não sabe fazer o trabalho do outro muito bem feito, apesar de ser comum trabalharmos na área uns dos outros em certas circunstâncias.

É relativamente fácil notar no conteúdo das mensagens várias posições em relação ao ato de traduzir, ao que constitui uma boa tradução e, especialmente, ao papel e à imagem do tradutor na sociedade. Ao analisar tais posições, poderemos – talvez – chegar perto daquilo que a elas subjaz, ou seja, aquilo que se pensa sobre a tradução e o tradutor. Portanto, ao examinarmos as mensagens posteriores ao pedido, vemos que as posições tomadas pelos membros da CVL levam em conta basicamente dois tipos de concepção, a saber, as concepções de tradução adotadas por tradutores ou profissionais da área, e as concepções que esses combatem (sendo essas as concepções dos leigos). Assumo que aquilo que eles combatem existe de fato na sociedade brasileira, já que não seria possível ter uma opinião contra algo que não existe. Ou seja, ao dizerem coisas do tipo exemplificadas em (1), (2) e (3) abaixo, o que as manifestações realmente refletem é: (1) algumas pessoas acham que traduzir é simplesmente passar um texto de uma língua para outra, (2) há pessoas que terminam um curso de inglês e se consideram tradutores e (3) tanto os profissionais de lingüística assim como empresas, escolas e a sociedade **não** valorizam o tradutor:

- (1) Com isso, gostaria de pedir que se lembrem que a tradução não é simplesmente um texto passado de uma língua para outra. Implica muito mais do que conhecimento lingüístico e da estrutura da língua.
- (2) ser tradutor é mais do que concluir o book two ou seis mese de intercâmbio; seja pelo do mais cristalino profissionalismo: há gente que estuda, se especializa, investe em livros, dicionários (em geral caríssimos), recursos de informática
- (3) Nós, profissionais da área lingüística, devemos ser os primeiros a resgatar o valor dos profissionais da revisão e da tradução... do texto, enfim.
devemos cobrar uma maior valorização das empresas e escolas e da sociedade.

⁸ Os excertos citados em todo o trabalho são cópias do site da CVL e portanto não seguem as normas ABNT.

Há ainda outras mensagens postadas por tradutores e pesquisadores da tradução que concordam com as manifestações acima. Para mim, parece claro que esses membros estão sempre tentando mostrar a todos (e especialmente à pessoa que fez o pedido inicial) que **não** é qualquer pessoa que pode ser considerada tradutora e, com igual veemência, asseveram que os próprios tradutores devem ser os primeiros a se valorizar. Com essa última posição, concordam Durban et al (2003), quando observam que há uma estreita relação entre o estatuto dos tradutores e a concepção que estes têm de si mesmos. Ao falarem sobre pedagogia da tradução, esses autores propõem que os tradutores deveriam se ver “não como um humilde escriba ou escravo que faz tudo que lhe mandam, mas sim como escritores que tomam um texto e o transformam em seu texto, fazendo o que precisa ser feito”. No entanto, acho que a questão vai um pouco além da posição quase sindicalista de clamar por autovalorização, como mostram os excertos abaixo:

(4) O que aqui defendemos, ao nos manifestarmos em resposta ao pedido feito (que é legítimo e que, acredito, até terá resposta) é a necessidade de refletirmos a respeito da valorização dos profissionais da nossa área.

(5) Vivemos hoje uma inversão cruel de valores e somos nós, profissionais da educação, que precisamos promover essa mudança. Ninguém nos valorizará se não fizermos isso primeiro.

(6) Isso me faz perguntar: Será que realmente sabemos a importância do nosso texto? Será que realmente nos importamos com nosso leitor?

(7) É compreensível que nossos colegas queiram contar conosco na hora de fazer seus abstracts, mas é lamentável que esteja presente na área da Linguística uma postura de desvalorização do nosso trabalho. Se, entre nós, tal postura é também recorrente, de que forma poderemos tentar mudar essa situação?

Parece claro que muitos membros da CVL que se manifestaram na discussão apenas reafirmam a idéia de o tradutor não ser valorizado, corroborando a afirmação de Gross de que autores, críticos e, infelizmente, os próprios tradutores tomam a tradução como trabalho “de segunda mão” e não como trabalho criativo. O autor sugere que esse fato derive de uma forma de complexo de inferioridade profissional que, segundo ele, está enraizado dentro e fora do campo da tradução. “Afim de contas, tradução não é escrita propriamente dita.” (GROSS, 2003, p. 83). Além disso, é Arrojo que resume muito bem a falta de conscientização/valorização existente entre os próprios tradutores e suas conseqüências:

enquanto os tradutores persistirem em não refletir sobre o trabalho delicado e complexo que realizam e enquanto não se decidirem a cuidar das condições e dos rumos de seu ofício, terão que aceitar o destino de marginalização que essas instituições lhes reservam. Somente a partir da conscientização desses

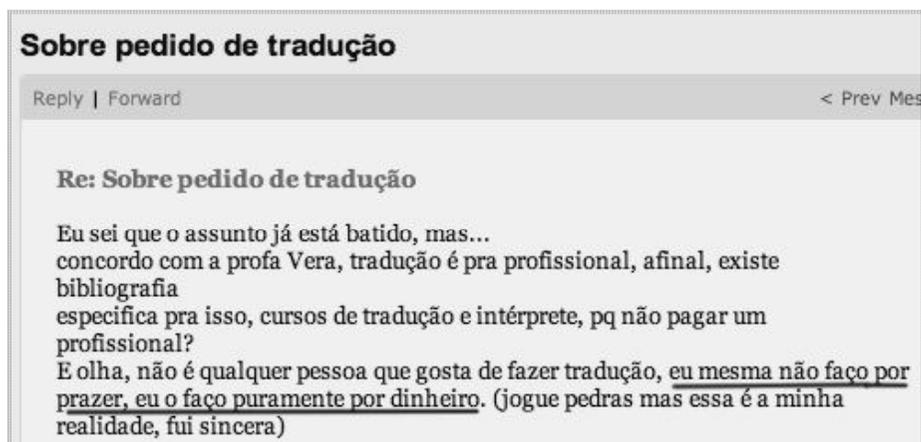
profissionais acerca do poder autoral que exercem e da responsabilidade que esse poder implica, as relações perigosas que têm organizado tradutores e traduções poderão se tornar mais honestas. (ARROJO, 1993, pp. 31-32).

4. Discussão da análise

É a partir da citação de Arrojo, acima, que se pode perceber que faltam conhecimentos teóricos aos membros da CVL que participaram do debate em questão. Eles discutem extensivamente o que se pensa de ruim sobre tradutores, mas não oferecem uma solução para acabar com esse problema a não ser afirmar sua identidade e clamar por auto-valorização. Ninguém na discussão, nem mesmo os que se declaram acadêmicos, parece levantar a questão central que é discutir os motivos pelos quais a concepção do tradutor no Brasil é como é, ou seja, descobrir o porquê de uma pessoa, inserida no mundo acadêmico da lingüística aplicada, ter endereçado o pedido a qualquer professor de inglês, que nem tradutor é, e nem precisa ser.

Toda essa discussão deveria também ter levado em conta que, seja qual for a opção do tradutor, consciente ou não, em domesticar ou estrangeirizar sua tradução, esta nunca estará imune à interpretação do próprio tradutor e à sua marca, visto que, ao decidir estrangeirizar um texto original, “o tradutor acrescenta a ele um ar de exotismo que lhe é estranho” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 128) e, além disso, “não são raros os casos em que o tradutor se esforça para assegurar que a obra traduzida seja recebida pelo público como fruto de uma cultura diferente e repleta de detalhes curiosos.” (ibid., p. 127). É também desse fato, dentre outros, que os membros da CVL não parecem estar conscientes, pelo menos é isso que mostra a análise do fervoroso debate.

Um outro ponto que merece comentário é o fato de várias mensagens se referirem explicitamente a dificuldades e percalços do mercado de trabalho no Brasil, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos. Considero importante essa referência porque essa faceta mercadológica não parece ser levada em consideração por Berman nem por Venuti, uma vez que ambos pensam a tradução dentro de uma perspectiva teórica e hegemônica e parecem não levar em conta os tradutores que “vivem na sombra”, como o membro da CVL que diz:



(grifo meu)

Ao contemplar tal manifestação, podemos nos perguntar: será que uma pessoa que faz algo puramente por dinheiro, como declara o membro no trecho acima, estaria realmente interessada em teorias de tradução? Seria interessante perguntar a ela se fez algum curso de tradução. Qualquer que fosse a situação: ter realizado ou não um curso de tradução, as conseqüências, segundo minha leitura, seriam nefastas. Pensemos: caso esse membro tenha feito um curso na área, poderíamos entender que esse curso não discutiu com ele teorias de tradução, ou pelo menos não conseguiu desenvolver nele um senso crítico a ponto de fazê-lo ir além de questões, digamos, sindicalistas. Caso pensemos que esse membro não realizou curso de tradução algum (apesar de mencionar a existência deles), mas, como declara, faz traduções, podemos imaginar que esse tradutor não possui as habilidades específicas do que os membros da lista consideram um tradutor profissional, que é um dos temas discutidos em toda a cadeia de mensagens que forma nosso corpus e um aspecto considerado por muitos o motivo da desvalorização do profissional “sério”. Vale lembrar que mesmo autores que levam mais em conta o lado prático da tradução, ao proporem métodos e técnicas que tornem a tarefa do tradutor menos árdua, dão importância à questão do “gostar de traduzir”. Gosto se discute, e é Robinson que nos lembra que tarefas desagradáveis rapidamente se transformam em “camisas de força”, pois “o tradutor que tem prazer no que faz tem menos probabilidade de se estressar no trabalho do que aquele que somente traduz por obrigação.” (ROBINSON, 1997/2003, p. 146)⁹ Além de Robinson, é Bononno (1997) que, num fórum online, enfatiza que “tradutores profissionais não vêm a relevância da teoria para seu trabalho. Suas maiores preocupações são com detalhes dos textos (terminologia, significados obscuros) e com questões de negócio, como achar trabalho”. Não é somente Bononno que aponta para a existência de um certo abismo entre teóricos e tradutores; Chesterman & Wagner (2002), além de reconhecerem esse abismo,

⁹ Esta e outras traduções sem menção de autoria são minhas.

tentam mostrar a relevância da teoria da tradução para a prática do tradutor. De acordo com Chesterman¹⁰, a contribuição mais relevante que as teorias de tradução podem dar aos tradutores é “mostrar as relações entre diferentes decisões ou estratégias de tradução e os efeitos que tais decisões e estratégias parecem ter nos clientes, leitores e culturas [...]”(CHESTERMAN & WAGNER, 2002, p. 5).

Desse modo, tanto nossa análise do debate quanto um breve percurso pelas teorizações aqui evocadas parecem nos forçar a pensar que existem realmente dois mundos distintos e separados no campo da tradução atualmente: o da academia e o do trabalho. No entanto, há acadêmicos (PYM, 1997, ROBINSON, 1997/2003) que tendem a levar em consideração a faceta mercadológica da tradução. Robinson diz que, do ponto de vista de quem encomenda traduções:

...é essencial que o usuário possa confiar na tradução – não apenas no texto, mas também no tradutor, e geralmente em todo o processo de tradução. Devido ao fato de que tudo isso importa para as pessoas que pagam as contas, serão de igual importância para o tradutor: as considerações pragmáticas de manter seu emprego (para o tradutor empregado) ou de continuar recebendo pedidos (para o tradutor autônomo) irão obrigar o tradutor a satisfazer as necessidades do empregador ou do cliente. (ROBINSON, 1997/2003, p. 24.)

Essa afirmação de Robinson opõe-se radicalmente às idéias “subversivas” que Venuti prega ao dizer que o tradutor precisa estar consciente de suas escolhas, pregando que o profissional deve ser capaz de explicar essas escolhas pois,

do contrário, os quadros descritivos para as práticas textuais provavelmente encorajarão uma tradução mecânica e sem reflexão que não está preocupada com o seu valor – ou somente com o valor utilitário e econômico em oposição aos valores culturais e políticos. (VENUTI, 1998/2002, p. 56)

No entanto, como Wagner aponta, fora do campo da tradução literária não parece haver muito sentido pregar que o tradutor subverta a sua tradução de modo a se tornar mais visível através dela, pois o que se espera de uma tradução feita nas línguas da União Européia, onde Wagner trabalha, por exemplo, é que os países que lêem tais traduções entendam a “mensagem” e ponto final; além disso, a tradução de documentos políticos, nesse caso, não pode deixar transparecer visões políticas, ideológicas, religiosas do tradutor. (CHESTERMAN & WAGNER, 2002, p. 17). Contudo, acreditamos que Venuti está certo ao afirmar que o tradutor deve estar ciente das suas escolhas, por mais que às vezes não sejam escolhas, mas sim imposições – dos clientes e dos leitores, ou seja, do mercado editorial.

¹⁰ Menciono apenas um autor aqui pois a referida publicação é composta de conversas via e-mail entre os dois autores.

5. Considerações finais

Isso tudo nos leva a tentar responder à questão do título deste trabalho: pode haver diálogo entre o tradutor e o teórico da tradução? Minha resposta seria sim, pois acredito que conhecimentos teóricos acerca da dicotomização entre tradução domesticadora e estrangeirizadora, além de várias outras questões teóricas, podem ser úteis ao tradutor no sentido de fazer que ele esteja mais consciente das possibilidades existentes ao traduzir um texto. Essa consciência pode fazer com que ele produza uma tradução mais bem adaptada ao público leitor para quem está traduzindo. No entanto, ao mesmo tempo, se esse tradutor pretende continuar traduzindo profissionalmente, ele não poderá deixar de considerar as questões de mercado intrinsecamente ligadas à sua profissão. Em outras palavras, ao ter conhecimento, a princípio teórico, da dicotomia aqui discutida, o tradutor profissional terá recursos para produzir os efeitos desejados de uma tradução, sejam estes desejos do cliente, do público leitor, ou de ambos. Fora esses recursos, que se configurariam como parte da prática da tradução, o tradutor ciente da dicotomia domesticação/estrangeirização, poderia compreender melhor o seu papel e sua conseqüente imagem numa determinada sociedade. No caso aqui discutido, ele poderia compreender que o autor do pedido de tradução na CVL não o fez de modo a insultar os tradutores, mas o fez apenas por desconhecer as especificidades da profissão de tradutor e também devido ao fato de que no Brasil o tradutor é invisível.

Além disso, é a partir de discussões sobre relação entre teoria e prática, além do real empreendimento das mesmas, que poderemos um dia evitar que naufragos perdidos em acidentes de linguagem não se desesperem a ponto de pedir socorro a qualquer um no imenso “cyber oceano”. É a isso que o título deste trabalho se refere, ou seja, aquele que pediu uma tradução o fez de modo semelhante a um naufrago que coloca uma mensagem de socorro numa garrafa e a joga ao mar; não importa quem vai ajudá-lo, o que importa é que a ajuda venha. Assim, ao não se importar com quem traduziria seu resumo, o membro da CVL que fez o pedido não só provocou um imenso debate como também obteve sucesso no envio da mensagem de socorro, uma vez que um outro membro realizou a tradução de seu resumo, enviou-o de volta e não cobrou nada. Foi justamente essa mensagem, e o fato de ter sido endereçada a qualquer um, que parecem ter sido os catalisadores de toda a discussão, pois muitos dos membros que se manifestaram no debate insistem em deixar claro que o tradutor não é um profissional qualquer e que precisa possuir habilidades específicas que o permitam realizar sua função de modo satisfatório. É também interessante notar que muitas das manifestações de indignação foram explicitamente endereçadas ao autor do pedido de tradução, que parece ter sido apenas o bode expiatório de todo o embate.

Um ponto final que mereceria pesquisa em trabalhos futuros são as conseqüências da desvinculação entre teoria e prática, tanto entre pessoas que teorizam a tradução e pessoas que traduzem, quanto num mesmo indivíduo, ou seja, aquele que teoriza a tradução de um modo, mas, quando traduz, ignora aquilo proposto em sua teoria.

REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. *Tradução, desconstrução e psicanálise*, Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- BENEDETTI, I. C. Prefácio. In: *Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução*. I. C. BENEDETTI e Adail SOBRAL (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Nuplitt/7Letras, 2007/1985.
- BOHUNOVSKY, R. A (im)possibilidade da ‘invisibilidade’ do tradutor e da sua ‘fidelidade’: por um diálogo entre teoria e a prática de tradução. *Cadernos de Tradução*. n.º 8. Florianópolis: Núcleo de tradução, 1996.
- BONONNO, R. Fórum online sobre tradução. 1997. Disponível em: <http://www.fti.uab.es/sgolden/colloquium/1103.html> Acesso: 20 de maio de 2009.
- CHESTERMAN, A., & Wagner, E. *Can theory help translators?: a dialogue between the ivory tower and the wordface*. Manchester: St. Jerome Pub., 2002
- DURBAN, C. Et al. *Translator training & the real world: concrete suggestions for bridging the gap*. *Translation Journal*. 2003. Disponível em: <http://accurapid.com/Journal/23roundtablea.htm>. Acesso: 29 de maio de 2009.
- FREITAS, Luana F . Visibilidade problemática em Venuti. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 12, p. 55-63, 2003.
- FREITAS, Luana F . Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 21, p. 95-108, 2008.
- GROSS, A. Teaching Translation as a Form of Writing: Improving Translator Self-Concept. In: *Beyond the Ivory Tower: Rethinking translation pedagogy*, edited by Brian James Baer and Geoffrey S. Koby. Vol. XII, ATA Scholarly Volume Series. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.
- PYM, A. *Pour une éthique du traducteur*. Arras/Ottawa: Artois Presses Université/Presses de l’Université d’Ottawa, 1997.
- RAJAGOPALAN, K. Traição versus transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. *Alfa*. Vol. 44, n.º Esp. p.123-30. 2000.
- SCHLEIERMACHER, F.D.E. “Sobre os diferentes métodos de tradução.” Tradução de Margarete von Mühlen Poll. p. 25-87 In: HEIDERMAN, W. (org.). “Clássicos da teoria da tradução” Florianópolis: UFSC, v. 1, Núcleo de Tradução, 2001. 218 p. Antologia bilíngüe, alemão-português.
- VENUTI, L. *The translator’s invisibility: a history of translation*. Londres e Nova York: Routledge, 1995.
- VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru: Edusp, 1998/2002.
- WILSS, W. *Knowledge and Skills in Translator Behaviour*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publishing. 1996.
- WYLER, Lia. *A tradução no Brasil: ofício invisível de incorporar o outro*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.
- WYLER, Lia. Um modo de traduzir brasileiro? *Cadernos de Tradução* (UFSC) v. 4, pp. 263-275, 1996.

ANEXO 1: Mensagem resposta

(disponível em: <http://tech.groups.yahoo.com/group/CVL/messages>. Acesso: 16 fevereiro de 2009)

Cara colega E. P. e cevelistas,

Sei que minha mensagem não será vista com bons olhos por alguns e talvez me coloquem ao lado do filósofo cujas palavras me fizeram propor o silêncio como resposta há umas semanas (medida aceita e adotada por muitos). Mas preciso falar.

Tenho visto, vez por outra, como bem demonstra a mensagem copiada abaixo, colegas pedindo a tradução de pequenos textos a outros colegas desta e outras listas.

Gostaria de esclarecer que apesar de muitos tradutores serem ou terem sido professores de língua e/ou terem formação lingüística, não são todos os professores brasileiros de língua e lingüista que saberiam fazer uma boa tradução para o português e, muito menos, do português para outra língua. E o inverso é também verdade, são poucos os tradutores que podem dar boas aulas de língua e um número muito menor de nós seria um bom lingüista sem a formação e/ou experiência específica.

Com isso, gostaria de pedir que se lembrem que a tradução não é simplesmente um texto passado de uma língua para outra. Implica muito mais do que conhecimento lingüístico e da estrutura da língua, exige entre outras coisas, o conhecimento e uso adequado de detalhes e nuances culturais e de reconhecimento e uso de terminologia nas duas línguas em questão.

Nós, tradutores brasileiros, já temos enfrentado uma batalha insana para conquistarmos o reconhecimento para uma das profissões mais desvalorizadas no Brasil. Em nosso país, todo adolescente que fez intercâmbio de 6 meses e aprendeu falar inglês, considera-se tradutor ao voltar para o Brasil. E muitas empresas os contratam sem pensar que saber formar frases corretas e ter um bom domínio do vocabulário, não faz de alguém um tradutor. No Brasil, quase todos acham que não precisam pagar por uma tradução de espanhol porque: "Pagar por isso? O espanhol é fácil demais para os brasileiros e são só umas poucas palavrinhas. Eu mesmo entendo tudo. Só queria que ficasse escrito direitinho em português." (Palavras de um cliente ao receber meu orçamento do pedido de tradução de um documento em espanhol com 150 palavras. Assim que ele se recusou a aceitar minha explicação, nosso relacionamento esfriou e agora o considero ex-cliente apesar de ainda receber às vezes seus pedidos de disponibilidade.)

Não vou me alongar mais. Só quero acrescentar uma informação à Elane. Para a tradução de seu resumo, um texto acadêmico, portanto, que exige conhecimento de termos de uma área específica (nas duas línguas), com 177 palavras, do português para o inglês, um profissional cobraria R\$ 61,00, no mínimo (meu preço seria R\$ 75,00). Fique claro que não sou mercenária, faço traduções de favor para amigos e pessoas necessitadas e também sou tradutora voluntária e regular de instituições diversas tanto nos EUA quanto no Brasil. Mas não podemos esquecer que os tradutores ganham seu sustento traduzindo.

*Um abraço a todos,
H.M*

ANEXO 2: Algumas das cartas abertas subsequentes

(disponíveis em: <http://tech.groups.yahoo.com/group/CVL/messages>. Acessos diários entre: 16 e 22 de fevereiro de 2009)

Cara H.,

Fico feliz ao ler tua manifestação, ponderada e sincera.

O problema existe e cada vez se torna maior. Sou revisora e atuo na formação de revisores. Nessa área a situação não é diferente, pois também enfrenta banalização e desvalorização.

Nós, profissionais da área lingüística, devemos ser os primeiros a resgatar o valor dos profissionais da revisão e da tradução... do texto, enfim. Está cada vez mais difícil fazer/encontrar uma citação direta em um texto acadêmico que não constranja o autor citado (ou o leitor) devido a incorreções/descuidos/inadequações de toda ordem.

M.

H. e colegas, boa noite!

Isto também me acontece com certa frequência e sabe o que eu respondo quando me perguntam se eu poderia fazer o favorzinho de traduzir uma pagina inteira para eles? Esclareçam-me apenas um coisa: vocês pediriam a um médico ou a um advogado para fazer uma consulta ou uma petição "de graça"? Todos, claro, respondem um sonoro não!!! Fica extremamente fácil responder educadamente que não.

Um grande abraço a todos,

A.

Bem...

fiquei de catapora no começo de janeiro.

e meu vizinho que é médico foi me atender em casa. nao cobrou 1 centavo e estava a disposição. minha mae fez o cabelo ontem com uma conhecida de muitos anos. e a pessoa nao quis cobrar, embora minha mae quase batesse nela pra pagar.

Tenho um primo músico, toca e canta de segunda a segunda. e ainda pedem pra ele tocar nas festinhas da familia e no final, ninguem coloca dinheiro na cestinha. e a musica foi a forma de ele ganhar dinheiro e sustentar a familia ha quase 30 anos. um outro primo, sustenta a familia com venda de palmito desde q eu me entendo por gente (ja to indo pra 25 anos). fomos na casa dele semana passada, a mulher fez uma pizza de palmito deliciosa e nao nos cobrou um potinho de palmito por ser aquele o ganha pao dele.

particularmente, acho que nao nos custa, como professores/tradutores tirar 5 minutos de duvida, traduzir 10 linhas...é obvio que isso nao pode virar exploração.

no mais, concordo com tudo o que foi dito acima. devemos cobrar uma maior valorização das empresas e escolas e da sociedade. concordo que seja absurdo um adolescente de 16 anos fazer intercambio e se achar professor da lingua. vou até mais alem: pessoas que terminam um cursinho de ingles no CCAA e outras franquias dessas e se acham "professores". isso nao é exagero. é a realidade. mas nao custa dar uma aula de graça para o filho do vizinho, nem traduzir 100 palavras para um amigo que precisa de um resumo.

C. F.

Parabéns F. ...

a vida não se resume só em dinheiro... vejamos os vários escândalos financeiros ocorridos no Brasil... não sou tradutor, sou revisor de trabalhos acadêmicos de acordo com as Normas da ABNT e já orientei alguns mestrandos sobre possíveis erros a serem cometidos, sem no entanto cobrar nada.

Penso exatamente igual; para um tradutor, deve-se gastar talvez nem 5 minutos... com certeza a pessoa que pediu não tenha a dimensão do possível valor "que poderia ser cobrado para se traduzir 10 linhas"...

Um abraço,

R.

Também concordo com você C. F. que não custa nada ajudar!

Opa, gente!!! Concordo que não custa nada ajudar pessoas do nosso círculo de amizade, familiares, vizinhos ou seja a quem for que, por alguma razão, consideramos merecedores dos nossos serviços profissionais.

O mesmo acho q deve servir para quem é ousado a fazer esse tipo de pedido. Que peça para amigos íntimos, parentes ou para pessoas que possam saber o real motivo de não haver possibilidade de remuneração na ocasião. Esse é para mim o procedimento eticamente correto. Afinal, receber ou não pelos serviços prestados deve ser uma escolha de quem disponibiliza seus serviços!!

Fazer um pedido como esse em uma lista de discussão, ou é completa ingenuidade, ou total desconhecimento das questões apresentadas pela H. em relação ao processo de tradução e ao exercício profissional dos tradutores.

Abraços,

R. G.

C. F.

Não se trata, meramente, de "traduzir 10 linhas"...

Apenas para registro, a tradução de resumos de trabalhos científicos é das tarefas mais espinhosas de um tradutor. Não se faz em cima da perna... Justamente por ser um resumo, extremamente condensado, exige pesquisa e estudo. Além disso, para o leitor estrangeiro, o "abstract" é o único ponto de contato; é no "abstract" que irá formar sua opinião sobre obra e autor.

Acho, portanto, um tanto desfocada a sua metáfora da catapora... tradução de resumos é coisa de gente grande, procedimento cirúrgico de porte. Se não gostar do resumo o leitor pára de ler... o artigo não é publicado... a citação não é feita... se bobear, o autor fica até mal visto.

Melhor pagar a quem entende...

Cara H. F. M.,

Concordo com você que, a tradução não se resume somente em passar um texto de uma língua para outra e que é preciso ter o conhecimento mais aprofundado das duas línguas, porém quando pedi a ajuda aos cevelistas é porque onde moro não existe ninguém que poderia traduzir este resumo para mim! Sei que é muito difícil, e que a sua profissão não é valorizada aqui no Brasil, porém se você morasse aqui eu pagaria a você o seu valor, pois admiro muito estes profissionais que sabem falar fluentemente e que trabalham com tradução, mesmo assim tenho certeza que alguém poderá ajudar!

Cara E. e caros colegas,

Concordo com a R., quando diz que hoje o problema de não encontrar profissionais (ou profissionais competentes) na região em que se mora não é mais problema, em se tratando de tradução, revisão e outros serviços da área.

A esmagadora maioria dos meus clientes é de fora e sequer os conheço pessoalmente. Procuram-me pela internet e todo o contato se dá por e-mail.

O que aqui defendemos, ao nos manifestarmos em resposta ao pedido feito (que é legítimo e que, acredito, até terá resposta) é a necessidade de refletirmos a respeito da valorização dos profissionais da nossa área.

Vivemos hoje uma inversão cruel de valores e somos nós, profissionais da educação, que precisamos promover essa mudança. Ninguém nos valorizará se não fizermos isso primeiro.

Como costumo comentar com meus alunos, queixamo-nos de pagar R\$ 6,00 por uma página revisada, R\$ 30,00 para assistir a uma peça de teatro ou R\$ 40,00 por um bom livro, mas, curiosamente, parece bastante natural gastarmos R\$ 200,00 em uma calça jeans ou R\$ 300,00 em uma “escova progressiva”.

Sabemos o quanto a situação econômica dos profissionais da educação “fala mais alto” em muitos momentos, tornando difícil reservar R\$ 100,00 para revisar um artigo, por exemplo, mas pagamos R\$ 200,00 para uma consulta médica de 15 minutos, sem hesitar, porque sabemos de sua importância. Isso me faz perguntar: Será que realmente sabemos a importância do nosso texto? Será que realmente nos importamos com nosso leitor?

M.

Cara colega,

creio q o pensamento de muitas pessoas q solicitam os serviços de traducaõ eh esse q vc descreveu bem. assim tb eh o com o trabalho de revisao de texto q exige muito de quem o faz, pois eh preciso manter a individualidade do outro e, ao mesmo tempo, passar para uma variedade de lingua mais formal, de acordo com a norma culta da lingua. tb a profissao eh desvalorizada, uma vez q as pessoas acham q se tem muito trabalho, pq associam revisao com ortografia e acentuacao, apenas (o q hoje em dia será ainda mais complicado, com a tal reforma ortografica).

concordo com vc colega e digo q recentemente tive uma experiencia com uma colega e tivemos q negociar o preco, mas n deixei de pagar. sei q a traducaõ envolve muitas dificuldades.

abraço,

t.

H., aproveitando meu envio anterior errado (estava repassando a umas colegas doutorandas), quero reforçar o que você e outros cevelistas disseram: há desvalorização de nosso trabalho - o mesmo ocorre com revisão de textos. Parece que nosso tempo nada custa.

M.

Se não nos valorizamos, como podemos exigir que a sociedade nos valorize?

C.

Também queria desabafar minha indignação por ver, em listas de profissionais de áreas acadêmicas, aparecer pedidos daquele tipo, dirigidos a professores de inglês ou a qualquer um, como se não importasse quem traduz um abstract.

...Tenho insistido junto à academia para distinguir claramente os currículos de formação de professor do de formação de tradutor-intérprete, pq o uso da língua pelo tradutor é totalmente distinto. Afinal, só tradutores são leitores-autores, e isso se aprende a duras penas. Essa habilidade específica de se colocar no lugar do outro, como o provam os depoimentos de colegas bilíngues aqui, requer uma série de aptidões que vão bem além do linguístico estrito. Bem, é isso.

a. s.

[Recebido em 29/06/2008
e aceito para publicação em 27/10/2009]